

O CARÁTER SOCIAL DO FUNCIONALISMO E DO COGNITIVISMO

Luciana Braga Carneiro Leão Junqueira¹

RESUMO: O Funcionalismo e o Cognitivismo são duas correntes teóricas de base funcional dissidentes de duas outras correntes linguísticas que, apesar de serem ambas formalistas, são bem distintas: o estruturalismo e o gerativismo, respectivamente. Curiosamente, o que levou tanto os funcionalistas quanto os cognitivistas a se destacarem de seus quadros teóricos originais foi uma mesma crítica: a não relevância dada por esses ao fator social. Assim sendo, funcionalismo e cognitivismo distinguem-se em diversos pontos, no entanto, aproximam-se ao considerar de extrema importância a contribuição dos fatores externos ao sistema linguístico propriamente dito. Analisam-se, no presente artigo as quatro teorias, a fim de que sejam traçadas tanto as distinções entre as correntes anteriores e suas dissidentes, quanto os pontos de convergência entre as duas posteriores. Por fim, apresenta-se uma quinta teoria ainda mais recente, a Linguística Centrada no Uso, onde as teorias do funcionalismo e do cognitivismo se aproximam.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo; Cognitivismo; Social; Linguística centrada no uso.

INTRODUÇÃO

O termo *funcionalismo* dentro dos estudos linguísticos possui um caráter duplo. Se por um lado, dentro de uma perspectiva mais restrita, entendemos o funcionalismo como uma corrente teórica que se propõe a analisar as estruturas linguísticas levando-se em conta suas funções na comunicação, por

¹ Professora I de língua inglesa - FAETEC, Mestre em Estudos de Linguagem - UFF, Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino/Aprendizagem de Inglês como LE - UFF, Bacharel e Licenciada em Letras (habilitação Inglês/Literaturas) - UERJ.



outro, pode-se partir de uma perspectiva mais ampla onde funcionalismo se opõe ao formalismo, correspondendo assim a um termo “guarda-chuva” que abarca todas as teorias que entendem que “a função primordial da língua é a comunicação nas situações reais de interação entre os seres humanos” (MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p. 87). Por isso, propõem-se a analisar a língua para além de sua estrutura, observando também seu uso em ação, isto é, considerando em suas análises também os fatores relacionados ao contexto comunicativo em que se dá. Dentre outras correntes linguísticas, cognitivismo e o próprio funcionalismo *stricto sensu* se incluem nessa vertente funcional.

Assim sendo, funcionalismo e cognitivismo têm em comum a importância que dão ao uso da língua em situações reais de comunicação. Para que possamos analisar mais profundamente os pontos de aproximação entre essas duas correntes teóricas tão distintas, faz-se necessário, primeiramente, que abordemos os princípios que regem essas correntes e as correntes que lhes deram origem. Abordaremos, portanto, as duas correntes teóricas definindo-as e observando suas questões e métodos de análise, além das correntes do estruturalismo e gerativismo – correntes essas formalistas – como contextos teóricos de onde surgiram respectivamente funcionalismo e cognitivismo. Dessa forma, poderemos traçar, em seguida, pontos de convergência entre o funcionalismo e o cognitivismo, e de divergência entre esses e suas correntes originárias. Nosso objetivo aqui é demonstrar que funcionalismo e cognitivismo se aproximam justamente nos pontos em que se afastam de seus respectivos antecessores: as questões sociais e do uso.

Por fim, apresentaremos brevemente uma tendência teórica atual em que linguistas vêm propondo uma junção teórica entre funcionalismo e cognitivismo que tem sido chamada de Linguística Cognitivo-Funcional ou Linguística Centrada no Uso.

CORRENTES TEÓRICAS

Apresentamos, a seguir, as quatro teorias que fundamentarão o presente artigo. São elas o estruturalismo, o gerativismo, o funcionalismo e o cognitivismo.





ESTRUTURALISMO

O estruturalismo é uma corrente teórica inaugurada com a publicação póstuma de Saussure (1975) intitulada Curso de Linguística Geral. Essa vertente, que é o ponto de partida dos estudos linguísticos como um campo independente, prega o reconhecimento de que a língua é uma estrutura, ou sistema, e de que a tarefa do linguista é a de analisar a organização e o funcionamento dos elementos que a constituem.

Os estruturalistas afirmam que a língua é um sistema por ser um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, formando um todo coerente, uma vez que é formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras (COSTA, 2011). Saussure (1975) apresenta uma metáfora baseada nos jogos de xadrez para demonstrar que a organização desses elementos se estrutura segundo leis estabelecidas dentro do próprio sistema. Na língua, tal qual num jogo de xadrez, o valor de cada peça – ou seja, como as peças se relacionam entre si, quais regras as governam, e a função estabelecida para cada uma delas e em relação às demais – não advém de sua materialidade, i.e., o valor não existe em si mesmo, mas é determinado no interior do jogo. Substituindo-se o material das peças, não se afetará o sistema, uma vez que o valor de cada peça depende apenas das relações e oposições entre essas unidades.

A comunicação entre os falantes de uma mesma língua é possível porque eles têm conhecimento das peças disponíveis do jogo e suas possibilidades de movimento, organização e distribuição. Esse conjunto de regras não é estabelecido por um determinado grupo de estudiosos em um dado momento. Trata-se de um conhecimento que internalizamos desde cedo, na fase de aquisição de linguagem, e que é adquirido no social, ou seja, na relação que mantemos com o grupo de falantes do qual fazemos parte (*idem*).

A língua, segundo essa corrente teórica, é forma e não substância, o que significa que a substância não será fator determinante dessas regras do jogo linguístico, independentemente, inclusive, do suporte físico – seja som, movimento labial, escrita, gestos, etc. – em que se realizam. Por conta disso, temos como princípio estruturalista a defesa do estudo imanente da língua, i.e., de que a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma. Assim sendo,





toda preocupação extralinguística deve ser deixada de lado, pra que se descreva a língua partindo-se, unicamente, de suas relações internas.

Dentro dos estudos saussurianos, são de grande destaque as dicotomias que o linguista apresenta. Na dicotomia língua X fala, entende-se que a linguagem possui duas faces que se correspondem e impossíveis de se conceber uma sem a outra. A língua é um sistema supraindividual que os membros de uma comunidade utilizam como meio de comunicação. De acordo com os estruturalistas, ela corresponde à parte essencial da linguagem – o sistema gramatical –, que é depositada nos cérebros dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. E, por esse motivo, o indivíduo não pode criar nem modificar a língua de maneira autônoma.

Por outro lado, a fala corresponde ao uso individual desse sistema, i.e., a maneira que cada integrante dessa comunidade possui de atualizar esse código. Ainda sim, a língua é a condição da fala, pois, ao falar, estamos submetidos a esse sistema de regras pré-existentes. Isso significa dizer que a língua é tanto o instrumento e quanto o produto da fala, e, devido a isso, percebe-se na Linguística Estruturalista a primazia da língua sobre a fala como seu objeto de estudo específico.

A segunda dicotomia apresentada por Saussure é a entre sincronia e diacronia. Um estudo na perspectiva sincrônica analisará o estado da língua em um determinado momento – sendo assim estático – para que se faça a descrição desse determinado estado da língua. Já um estudo pela perspectiva diacrônica observa e analisa a evolução da língua através dos tempos, estabelecendo uma comparação entre diferentes momentos da evolução da dada língua.

A prioridade, no estruturalismo, será a do estudo sincrônico sobre o diacrônico, uma vez que, para essa corrente, o linguista deve estudar principalmente o sistema da língua, para observar a configuração das relações internas entre seus elementos. Para utilizar a estrutura da língua corretamente, os falantes não necessitam informações da história ou etimologia da sua língua (*ibidem*). Assim, retomando sua metáfora, Saussure (1975) indica que a única diferença encontrada entre o uso do sistema linguístico e o jogo de xadrez é o fato de que as alterações no sistema causadas pela ação de deslocar uma





pedra se dá intencionalmente pelo jogador, enquanto na língua nada é premeditado, sendo de maneira espontânea seus elementos se modificam.

Outra dicotomia é aquela entre as faces do signo linguístico: o significante e o significado. Os signos são a unidade fundamental de toda e qualquer língua. Cada signo é formado por duas faces inseparáveis, que são o significante e o significado. Essas faces são psíquicas e se unem por um vínculo de associação: a imagem acústica que se forma na mente do falante – correspondente ao significante –, se une ao conceito que ele atribui a ela – o significado. A primazia dada pelos estruturalistas nessa dicotomia será para o significante, uma vez que é comum a todos os falantes daquela língua, sendo assim passível de sistematização, enquanto o significado poderá possuir certo grau de variação de falante para falante, ou mesmo de contexto para contexto.

A quarta dicotomia diz respeito à relação entre sintagma e paradigma. A linguagem articulada possui um caráter linear, i.e., a transmissão de uma mensagem só será possível numa sequência de signos que só podem se apresentar, temporalmente, um após o outro. As relações sintagmáticas são, portanto, relações *in praesentia* entre os signos, ou seja, aquelas referentes às articulações entre os sintagmas que estão presentes em um mesmo contexto sintático. Ainda sim, a distribuição de signos não se dá aleatoriamente, mas pela exclusão de outras possibilidades. Portanto, nas relações paradigmáticas, por sua vez, a articulação se dará *in absentia*, ou seja, associações que o falante faz mentalmente entre o signo que ocupa uma determinada posição e todas as outras unidades que poderiam ocupar a mesma posição, substituindo-o, por pertencerem à mesma classe. Os termos que estão ausentes são de extrema importância por permitirem a caracterização do termo presente por oposição.

Costa (2011, p.122) chama atenção para o fato de que “as relações sintagmáticas e as relações paradigmáticas ocorrem concomitantemente”. Ao mesmo tempo em que o falante associa cada signo de uma frase com os outros que o precedem e sucedem, ele também o associará com cada signo ausente que poderia tomar seu lugar naquela posição. Dessa forma, a compreensão da mensagem, e, conseqüentemente, o funcionamento da língua, se dará pelo complexo sistema de valores constituído pelas





associações, combinações e exclusões analisadas pelo falante entre as unidades linguísticas. Ainda sim, mais uma vez, os pesquisadores estruturalistas focarão no que é mais passível de análise sistemática. Assim sendo, o foco será dado às relações sintagmáticas, em detrimento das relações paradigmáticas.

Percebe-se, dessa forma, que dentro das quatro principais dicotomias saussureanas um maior valor sempre é dado ao que é supraindividual. Isto porque esses facilitarão a análise e sistematização de regras. Com isso, as questões relativas ao lado mais individual e decorrentes do uso contextualizado ficam em segundo plano nessa linha teórica. O estruturalismo reconhece a existência desses fatores e sua contribuição para a linguagem, mas, ainda sim, os excluem de seu escopo de investigação ao delimitar seu objeto de estudo.

Saussure e o estruturalismo formam a pedra fundadora da Linguística moderna, entendida como uma ciência autônoma e que se propõe ao estudo da linguagem em si². Depois deles, muitos outros autores e teorias surgiram, tanto em contradição quanto em desenvolvimento das teorias por eles introduzidas.

GERATIVISMO

A linguística gerativa surge em 1957, com a publicação do primeiro livro de Noam Chomsky, *Syntactic Structures*. Essa corrente teórica tem por objetivo elaborar um modelo teórico de base formalista para descrever e explicar o funcionamento da linguagem humana. Para tal, inspira-se na matemática e nas ciências biológicas, o que reflete a preocupação de seus pesquisadores em conferir à Linguística um caráter mais científico.

Chomsky (1957) suscita seus primeiros questionamentos ao destacar que um falante sempre age criativamente no uso da linguagem. A produção linguística de qualquer falante é sempre repleta de frases que são inéditas no seu repertório. Dessa forma, a criatividade é a principal característica da

² Estudos relacionados à linguagem remotam desde a Antiguidade Clássica. No entanto, seu estudo se dava em decorrência da teorização de outras áreas, como a retórica, o pensamento lógico, dentre outros. Para maiores informações a respeito desse tema, indica-se a leitura de Neves (1987).





linguagem humana e justamente o que a difere da comunicação animal e das linguagens artificiais.

No gerativismo, acredita-se que a capacidade que somente os seres humanos possuem de falar e entender uma língua se dá graças a um dispositivo inato que possuímos em nossas mentes. Seria, portanto, uma característica biológica a responsável pela competência linguística, e não algo que adquirimos através da relação com mundo exterior. A linguagem deixa de se encontrar no social, passando a residir dentro da mente humana. Essa capacidade inata para a competência linguística é o que se denomina no gerativismo como faculdade da linguagem. A Linguística Gerativa objetiva, portanto, estudar a linguagem a fim de se descobrir quais os princípios abstratos que governam sua estrutura e uso.

A partir de então, esses linguistas se afastam do trabalho empírico presente na gramática tradicional, na linguística estrutural e na sociolinguística, e passam a analisar a linguagem humana de uma forma matemática e abstrata. Aproximam-se, assim, da linha interdisciplinar de estudos da mente humana conhecida como ciências cognitivas.

Os linguistas sempre procuraram compreender como um falante era capaz de ter intuições a respeito das estruturas sintáticas de sua língua, de forma a saber reconhecer se uma dada frase seria gramatical ou agramatical³, mesmo que ele jamais tenha sido alfabetizado ou instruído formalmente. Essa intuição linguística inerente a todo ser humano que nos permite percepções sobre as estruturas sintáticas que produzimos e ouvimos é denominada pelos gerativistas como competência linguística. De acordo com Kenedy (2011, p.133), trata-se de um “conhecimento linguístico inconsciente que o falante possui sobre a sua língua (...) o conhecimento interno e tácito das regras que governam a formação de frases da língua”.

Forma-se, nesse momento, a dicotomia gerativista onde, de um lado, se encontra a competência e, no outro, a performance. A performance – também denominada desempenho ou atuação – refere-se àquilo que o falante

³ Entende-se por frase gramatical aquela em que a organização sintagmática é possível dentro de sua língua, e.g. “Marcelo levou seu cachorro para passear”, e por frase agramatical aquela cuja organização sintagmática não é plausível, e.g. “cachorro para levou Marcelo passear seu”.



pronuncia quando usa a língua, ou seja, o comportamento linguístico do indivíduo. E, tal qual ocorre com as dicotomias saussureanas, os gerativistas centram seus interesses em apenas uma das faces de sua dicotomia: a competência linguística. Apesar de reconhecerem que o único caminho para que se tenha acesso à competência é através da performance, os gerativistas alegam que será “através do estudo da competência que será possível elaborar uma teoria formal que explique o funcionamento abstrato da linguagem na mente dos indivíduos” (*idem*, p. 134).

Mais tarde, a ideia da competência linguística como um sistema de regras específicas é substituída pela hipótese da Gramática Universal (GU). A teoria da GU afirma que determinados princípios comuns subjazem a todas as línguas naturais, assim como as diferenças entre elas são previsíveis segundo as opções disponíveis na mesma GU. Dessa forma, se a faculdade da linguagem é um dispositivo inato a todos os seres humanos, seu funcionamento se dá através de um sistema gerativo, ou seja, um algoritmo⁴ que nos permite adquirir a gramática de uma língua, que é a GU.

A GU, segundo os gerativistas, funciona a partir de princípios e parâmetros. Os princípios, nessa teoria, seriam as propriedades gramaticais existentes em todas as línguas naturais. Já os parâmetros são como interruptores que podem ser ativados ou não, determinando então as possibilidades dentro da língua – como o parâmetro que estabelece se um sujeito explícito é obrigatório, como no caso da língua inglesa, ou se pode ser opcionalmente suprimido, como no caso do português. São esses parâmetros que permitirão a variação entre as línguas. Assim sendo, uma criança já nasceria com os princípios registrados na GU, e na fase de aquisição linguística ela apenas adquiriria vocabulário e ajustaria os parâmetros de maneira binária – ativado ou não ativado – de acordo com a língua da comunidade em que está inserida.

⁴ Um algoritmo é um conjunto de instruções que nos demonstra como proceder passo-a-passo uma determinada tarefa.





A linguagem, na perspectiva gerativa, é vista como um sistema de conhecimento autônomo. Isto significa dizer que o conhecimento linguístico seria independente de outras formas de conhecimento. Isto porque, a mente seria composta de módulos – i.e., partes – sendo cada um deles responsável pela estrutura e desenvolvimento de uma forma de conhecimento. Teríamos, dessa forma, o módulo da linguagem, o módulo musical, o modo da lógica matemática, dentre muitos outros. Todos esses módulos trabalhariam separadamente, tendo acesso apenas entre os resultados finais uns dos outros.

FUNCIONALISMO

A corrente teórica conhecida como funcionalismo surge como descendente das ideias estruturalistas. Por conta disso, permanece como foco de estudo a estrutura gramatical. No entanto, os pesquisadores funcionalistas desligam-se do estruturalismo para formar uma nova linha de pesquisa que estude a estrutura gramatical das línguas em relação aos diferentes contextos em que elas são utilizadas. Esse aumento de escopo de investigação resulta não apenas num objeto de estudo mais completo e complexo para a linguística, como também numa nova metodologia de recolhimento e análise de dados.

Apesar de surgir como um movimento particular dentro do estruturalismo, a corrente funcionalista vai destacar-se por enfatizar as funções das unidades linguísticas como um elemento essencial à linguagem. Diferentemente da teoria de Saussure que privilegiava a língua em detrimento da fala como objeto de estudo da Linguística – e, igualmente, nas outras dicotomias sempre atribuía menor importância científica para as faces que refletiam um lado mais relacionado ao uso (cf. 2.1- Estruturalismo) –, para os funcionalistas não há separação intransponível entre língua e fala. Qualquer análise linguística deverá dar conta, portanto, por um lado, das regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas – i.e., aquelas que serão responsáveis pela constituição das estruturas linguísticas – e, por outro lado, das regras pragmáticas – que serão responsáveis pela interação verbal em que as estruturas linguísticas são utilizadas. Isto significa dizer que, para o funcionalismo, “uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente





estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa” (CUNHA, 2011, p.163).

Nesse sentido, no funcionalismo, a linguagem é vista como um instrumento de interação social. Conforme Cunha (*idem*, p.157), “seu interesse de investigação vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua”. Acredita-se, nessa linha de pesquisa, que o contexto de uso motivará as diferentes estruturas sintáticas. Por conta disso, os corpora de trabalho serão sempre compostos de dados verdadeiros recolhidos durante situação real de comunicação, por ser quando os falantes fazem um esforço legítimo para transmitir e compreender determinada mensagem. Apenas através de um contexto real de comunicação que se poderá compreender por completo as funções que esses dados linguísticos desempenham.

Para se compreender a importância da função durante uma análise linguística, devemos manter em mente que a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si. Essas funções externas influenciarão a organização interna do sistema linguístico, como se pode ver no exemplo dado por Cunha (*ibidem*, p.157):

- a) Você é desonesto.
- b) Desonesto é você.

Uma análise apenas sintática não indicaria diferenças entre as duas sentenças expostas acima. Sintaticamente, observamos apenas uma alternância de posição entre sintagmas, o que é permitido na língua portuguesa sem que a sentença se torne agramatical. Dentro de uma concepção formalista, isso indicaria que ambas são alternativas para uma mesma estrutura. No entanto, qualquer leitor ou ouvinte, dentro da língua portuguesa, que se depare com essas duas opções percebe imediatamente diferenças que vão muito além da posição dos sintagmas e que comunicam muito mais do que essa análise sintática indica. Ao levarmos em conta parâmetros pragmáticos e discursivos, percebemos sem grandes problemas que (a) se trata de uma afirmação, enquanto (b) indica uma réplica. Essas funções são rapidamente percebidas através da análise do contexto em que ocorrem. Qualquer





leitor/ouvinte reconhecerá que (b) só será utilizada em uma situação em que o interlocutor tenha feito anteriormente o mesmo insulto, o que significa dizer que cada uma dessas frases possui funções distintas.

Conclui-se, assim, que os domínios da sintaxe, semântica e pragmática são relacionados interdependentemente e devem ser todos igualmente levados em consideração durante uma análise linguística. Principalmente, conclui-se que, para que se compreenda o próprio fenômeno sintático, “seria preciso estudar a língua em uso em seus contextos discursivos específicos, pois é neste espaço que a gramática é constituída” (*ibidem*, p. 164). Isto porque, como demonstramos anteriormente, a forma que a sintaxe adquirirá será consequência das estratégias de organização da informação eleitas pelos falantes durante a interação discursiva.

Mais além, devemos observar, ainda, que as regras gramaticais são modificadas pelo uso, uma vez que se adaptam às necessidades comunicativas dos falantes. E é por conta dessa característica que as línguas variam e mudam. Possuímos, portanto, mais um motivo para se observar a língua como ela é falada, i.e., o uso é a principal fonte não apenas da análise linguística numa perspectiva sincrônica, como também na perspectiva diacrônica.

Assim sendo, o funcionalismo difere das abordagens formalistas, e em especial do estruturalismo, de onde surgiu, por (1) ver a linguagem como um instrumento de interação social, (2) proceder investigações linguísticas que cubram não somente a estrutura gramatical, como também o contexto discursivo, e (3) procurar explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, ao analisar as condições discursivas em que se verifica esse uso. Para essa corrente teórica, se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do modo linguístico. Percebe-se, desse modo, que diversos fenômenos linguísticos resultam da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua. A linguagem é uma atividade sociocultural, e sua estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas, o que lhe proporciona uma dinamicidade constante,



consequente da adaptação da fala aos diferentes contextos de comunicação (MARTELOTTA & ALONSO, 2012).

COGNITIVISMO

A Linguística Cognitiva surge no final da década de 80 em oposição às teorias formalistas e, em especial, ao gerativismo, de onde os primeiros pesquisadores cognitivistas se rescindiram. Apesar de permanecerem, na concepção cognitivista, algumas teorias gerativistas, diversas outras são criticadas.

Os cognitivistas não consideram que a linguagem seja um componente autônomo da mente humana. Nessa nova concepção, todas as faculdades mentais são interdependentes, ou seja, sempre estão em constante diálogo umas com as outras, desenvolvendo raciocínio conjuntamente, independente do tipo de coisa que se esteja raciocinando no momento, exterminando-se, então, com a visão modular da mente. Mais ainda, rompe-se com a distinção entre conhecimento linguístico e conhecimento não-linguístico, passando-se a considerar todo e qualquer produto consequente do raciocínio simplesmente como conhecimento.

A atividade cognitiva partirá da captação de dados da experiência, que, após compreendidos, são armazenados na memória. O cérebro humano possui a capacidade de organizar, acessar, conectar, utilizar e transmitir adequadamente esses dados, porém esses aspectos somente se concretizam socialmente, o que quer dizer que ele “não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural – relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência” (MARTELOTTA & PALOMANES, 2011, p. 179). Percebe-se assim que as questões extralinguísticas e o contexto de uso passam a ser de grande valia para essa corrente teórica.

Na Linguística Cognitiva, dá-se grande importância ao contexto nos processos de significação, pois se acredita que não existem significados prontos, apenas mecanismos de construção de sentidos, construção essa que se dará através de dados contextuais, por serem ricos e dinâmicos. Por resultarem de complexos processos de integração entre vários domínios do





conhecimento, os significados são elementos mentais instáveis, e que variarão de acordo com as experiências de cada indivíduo. A linguagem é uma forma de ação, i.e, é através dela que praticamos ações como comentar, narrar, orar, ensinar, discursar, dentre muitas outras atividades. É através do uso linguístico que enquadramo-nos nos diversos papéis sociais do dia a dia.

De acordo com Geeraerts (1995), um dos princípios fundamentais do cognitivismo é a primazia da semântica na análise linguística. Se a função básica da linguagem é a categorização, por consequência teremos a significação como fenômeno linguístico primário. Mais ainda, a função de categorizar o mundo implica que o significado linguístico não pode ser dissociado do conhecimento do mundo, e, assim sendo, não se pode afirmar a existência de um nível sistêmico de significação à parte do nível do conhecimento do mundo associado às formas linguísticas (SILVA, 2004).

O ato de comunicar-se nunca é feito individualmente, a significação é negociada entre os interlocutores. Trata-se de uma atividade compartilhada, onde os interlocutores realizam uma sequência de movimentos que os levarão à compreensão mútua. Por isso mesmo que os cognitivistas rejeitam a visão da estrutura gramatical como algo dissociado do significado. Utilizamos as estruturas gramaticais nessa negociação de significado objetivando a transmissão e o entendimento entre os interlocutores, o que enfatiza a importância da interação e do ambiente sociocultural na compreensão do fenômeno da linguagem. E, uma vez que o funcionamento da língua está relacionado a questões cognitivas e interacionais, a sintaxe – ou qualquer outro aspecto da língua – não poderia ser autônoma, mas sim subordinada a mecanismos semânticos processados pela nossa mente durante a produção linguística em determinados contextos de uso. Dessa forma, a significação não advém de uma relação entre símbolos e dados de mundo real independentes, mas sim do fato de que as palavras e as frases assumem seus significados dentro do contexto (KENEDY & MARTELOTTA, 2003).

Por ser um processo interacional, temos os usuários da língua no centro da construção do significado. O falante deixa de ser visto simplesmente como manipulador de regras preestabelecidas (cf. 2.1- Estruturalismo) para ser visto como “um produtor de significados em situações comunicativas reais nas quais



interage com interlocutores reais” (MARTELOTTA & PALOMANES, 2011, p.181). A gramática será um conjunto de princípios, porém esses princípios são dinâmicos, pois se associam às rotinas cognitivas moldadas, mantidas e modificadas pelo uso (LANGACKER, 1987). Assim, determinadas escolhas linguísticas são feitas de acordo com o que se intenciona veicular, e os elementos linguísticos possuem justamente a função de garantir que a perspectiva que o falante intenciona seja, de fato, transmitida.

O cognitivismo indica que há interação também entre os subcomponentes da linguagem, o que refuta a separação entre léxico e sintaxe. Na teoria das construções gramaticais (GOLDBERG, 1995), é proposto que a unidade preliminar da gramática é a construção gramatical, que seria qualquer elemento formal diretamente associado a algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional. Incluem-se, portanto, não só palavras, mas também expressões idiomáticas e padrões sintáticos abstratos – como o movimento causado, i.e., X causa Y mover-se a Z. (MARTELOTTA & ALONSO, 2012). Trata-se, então, de um pareamento entre forma e sentido que pode se dar desde em morfemas a até mesmo em sentenças inteiras.

A partir do contato com o mundo a nossa volta estruturamos, então, nosso pensamento em nossas mentes. A teoria dos esquemas (LEFFA, 1996) afirma que todo o conhecimento é organizado em nossas mentes em unidades, cada unidade sendo um esquema. As informações são armazenadas dentro dessas unidades de conhecimento, o que faz dos esquemas um sistema conceitual que formamos para representar e utilizar todo o conhecimento que adquirimos.

Os esquemas são construídos dentro de enquadres mentais, denominados Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), referentes a um tema específico (*scripts*), o que facilita na organização mental das informações. O cérebro humano possui uma capacidade limitada, e, ao denotar relações temáticas entre esquemas, não apenas reduzimos o esforço mental e o tempo de acesso quando revocamos um conhecimento, como também essa compreensão estruturada fornece andaimento que será útil para organizar e interpretar novas experiências. (Koda, 2004).





A ENTRADA DO FATOR SOCIAL E A CONVERGÊNCIA ENTRE TEORIAS

Vimos acima que funcionalismo e cognitivismo rompem com suas correntes originárias por rejeitarem a visão formalista da língua presente nelas, passando a adotar uma perspectiva funcional. Assim sendo, ao se afastarem respectivamente do estruturalismo e do gerativismo por um motivo em comum, as duas correntes teóricas acabam por se aproximarem. Ambas as teorias darão grande importância às questões relacionadas ao uso da língua colocado em prática, e as questões pragmáticas e contextuais que envolvem esse uso. Isso significa dizer que o meio social passa a ser visto como fator de grande influência no processamento linguístico, e estudos de semântica e pragmática passam a ser incorporados às análises linguísticas.

O processo de aquisição da linguagem, por exemplo, passa a ser explicado em termos do desenvolvimento das necessidades e habilidades comunicativas da criança na sociedade. Entende-se, em ambas as teorias, que na interação com os membros de sua comunidade de fala a criança é exposta a dados linguísticos e, a partir desses, constrói a gramática da sua língua. Esse ambiente repleto de insumo vai ao encontro da rica capacidade cognitiva que o ser humano possui, como indica o cognitivismo (cf. 2.4- Cognitivismo), viabilizando assim não só a aprendizagem da linguagem, como quaisquer outros tipos de aprendizagem. Similarmente, o funcionalismo indicará a importância da pressuposição para a compreensão da sintaxe (GIVÓN, 1979) e que o elo entre gramática e uso se concretizará na relação entre ouvinte e falante, ao negociarem o sentido de maneira interativa, respondendo e criando contexto (TRAUGOTT & DASHER, 2005). Por conta disso, os dados para a análise linguística, tanto numa corrente quanto na outra, passarão a ser enunciados que ocorrem no discurso natural, e não mais frases elaboradas artificialmente, imaginando-se um falante ideal em condições comunicativas ideais.

A linguagem não é mais vista como um conhecimento específico, mas sim como um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais, culturais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana. Ela reflete processos gerais de pensamento do falante, que constrói significados e os adapta a





diferentes situações de interação com outros indivíduos. Da mesma forma, a gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a linguagem. Conseqüentemente, ela pode ser afetada pelo uso da língua. Mais uma vez, percebemos o encontro entre funcionalismo e cognitivismo que, conforme indicam Martelotta & Alonso (2012, p. 93), “se colocam no panorama geral das teorias que preconizam a instabilidade do significado atrelado à forma linguística. E ambas fazem dessa instabilidade a base para a construção do suporte técnico que as caracterizam”.

Considera-se, então, estreita a relação entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação. E, assim sendo, a linguagem deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceitualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural (SILVA, 2004). A análise linguística deve levar em consideração, sobretudo, a língua falada, viva, local onde se dão a variação e a mudança linguísticas.

Devido à grande quantidade de conceitos em comum, os campos do funcionalismo e do cognitivismo vêm se encontrando cada vez mais. Nada mais natural, portanto, que seus estudiosos se aproximem. Essa tendência culmina na convergência entre essas duas correntes teóricas, resultando numa linha de pesquisas recente denominada de Linguística Cognitivo-Funcional. Abordaremos essa nova perspectiva, seus linguistas de maior destaque e as pesquisas que vêm se desenvolvendo nessa área, a seguir.

LINGUÍSTICA COGNITIVO-FUNCIONAL

A convergência dos postulados teóricos funcionalistas e cognitivistas gerou o que passou a ser chamada Linguística Cognitivo-Funcional (BARLOW & KEMMER, 2000; TOMASELLO, 2003; BYBEE, 2010). Nessa perspectiva teórica, o significado não estaria encapsulado nem no léxico e nem na gramática, mas sim ambos forneceriam restrições esquemáticas que o usuário da língua levaria em conta para interpretar e produzir significações (ROSÁRIO, 2010).

Também conhecida como linguística baseada no uso (*usage-based linguistics*), essa tendência funcional de estudo da linguagem tem como





principal característica a análise das línguas sob o ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. (SILVA, 2004), adotando-se, assim, uma postura maleável e dinâmica de linguagem e gramática. Encontramos, nessa abordagem, a união das tradições desenvolvidas pelas pesquisas de funcionalistas, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Elizabeth Traugott, dentre outros, e cognitivistas, como George Lakoff, Ronald Langacker, Gilles Fauconnier, Adele Goldberg, e outros.

Entende-se aqui que o sentido é construído sócio-historicamente, e que tanto a tese da exclusão do sujeito apresentada pelo estruturalismo (cf. 2.1- Estruturalismo) quanto a exclusividade do sujeito cognitivo defendida pelo gerativismo (cf. 2.2- Gerativismo), são insustentáveis. Dessa forma, a linguagem é a operadora da conceitualização que, por sua vez, é localizada socialmente por intermédio de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, e que produz significados como construções mentais concebidas no fluxo interativo. Em outras palavras, o sinal linguístico, juntamente com sinais outros, guia o processo de significação diretamente no contexto de uso (SALOMÃO, 1999).

Nas principais características da pesquisa que se conduz sob a ótica centrada no uso, percebe-se as influências funcionalistas e cognitivistas. Como herança da base cognitivista, essa corrente teórica apresenta a observação do caráter radial da gramática, ou seja, o tratamento de famílias de construções gramaticais, e do caráter gestáltico do signo linguístico, que indica que são as construções discursivas que determinam os valores dos significados (cf. 2.4- Cognitivismo). Já da base funcionalista, encontramos como herança a análise sintática orientada para a superfície, a motivação pragmática das alternâncias construcionais, e a verificação empírica praticada pela investigação extensiva de corpus (cf. 2.3- Funcionalismo). Dessa forma, a abordagem cognitivo-funcional propõe a importância do contexto nos processos de significação, a importância dos mecanismos de mudança para compreender o fenômeno da linguagem e a não distinção entre léxico e sintaxe, uma vez que a unidade linguística básica passa a ser a construção gramatical.

O primeiro apontamento teórico que podemos destacar nessa nova corrente linguística é a da visão de uma relação entre biologia e cultura.





Diferentemente da teoria gerativa da linguagem como característica genética do ser humano, a Linguística Cognitivo-Funcional insere Semântica e Pragmática em suas análises para propor que o sentido é construído de maneira dependente do contexto e que aspectos culturais interferem no modo como organizamos nossos enunciados. A gramática deixa de ser vista como um conjunto de regras fixas, para ser compreendida como algo que está a serviço do discurso, do uso real em situações específicas de comunicação, cujos princípios serão adaptados ao contexto. Assim sendo, entende-se, que a faculdade da linguagem evoluiu gradualmente, adaptando-se para formas mais precisas e comunicação mais eficiente. A perspectiva diacrônica obtêm, nesse momento, valor para os estudos de linguagem, diferentemente do descarte que sofrera no estruturalismo (cf. 2.1- Estruturalismo).

Outra questão importante para a linguística centrada no uso é o papel da interação. Para essa teoria, a estrutura e regularidade da gramática são continuamente moldadas pelo discurso, o que faz dela um fenômeno sociocultural. Mais do que conhecer mecanismos sintáticos, para se dominar efetivamente uma língua é necessário que se domine noções de organização textual, molduras comunicativas, intenções e expectativas dos interlocutores, implicaturas conversacionais, dentre outras questões interacionais.

O papel da cognição também é de extrema relevância nessa perspectiva teórica. Simbolização, transferência entre domínios, armazenamento de informações, e interpretação de informações são alguns exemplos de mecanismos cognitivos que o falante atualiza no processamento do discurso durante toda e qualquer interação. Expressões preposicionadas – como embaixo, em cima, ao lado, etc. – e dêiticos – como lá, aqui e agora – são exemplos de perspectivização que só podem ser compreendidos se atualizados a cada contexto conversacional.

Dentre as pesquisas desenvolvidas dentro da Linguística Cognitivo-Funcional, destacam-se as relativas ao processo de construção e gramaticalização. Partindo-se do conceito cognitivista de construção (cf. 2.4- Cognitivismo), os cognitivo-funcionalistas indicarão que não serão apenas as palavras e morfemas que possuem essa capacidade de se gramaticalizar, mas principalmente, as expressões com duas ou mais palavras. A construção





gramatical é reanalisada aqui dentro dos estudos de gramaticalização. No entanto, se anteriormente o item que estava se gramaticalizando era o principal foco de atenção dessa teoria, agora se destaca o papel da contiguidade discursiva, i.e., “um item se gramaticaliza numa estrutura maior, que gera uma inferência tal que desencadeia uma nova possibilidade de interpretação da função do item na língua” (MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p.100). Por exemplo, o processo sofrido pelo verbo *ir*, que se gramaticaliza a futuro perifrástico – e.g. Ele *vai* fazer faculdade – caracteriza um padrão em que outros verbos que licenciem a ideia de futuro, como *querer*, *dever*, dentre outros, poderá se encaixar essa construção – e.g. Ele *quer* fazer faculdade; Ele *deve* fazer faculdade.

O padrão formado por um processo de gramaticalização leva a uma inferência sugerida (TRAUGOTT & DASHER, 2005), onde o interlocutor evoca implicaturas, a partir dos contextos morfossintático e interacional, que o leva a atribuir uma nova função ao elemento linguístico. Esse padrão de uso que o falante adquire cognitivamente é associado a uma função pragmático-discursiva que resulta num pareamento de forma e sentido. É esse pareamento que será revocado mais tarde, levando o falante a formar outras construções pelo mesmo processo de gramaticalização, como vimos acima.

Podemos concluir, portanto, que a linguística centrada no uso representa a união de algumas das mais importantes proposições do funcionalismo e o cognitivismo e que, em maior ou menor escala, são comuns entre as duas teorias. E, principalmente, que ela representa a tendência atual de uma visão cada vez mais funcionalista da linguagem e que considera os fatores sociais de extrema importância e influência na composição da língua.

CONCLUSÕES

Funcionalismo e cognitivismo se aproximam exatamente no ponto em que começam a divergir de suas respectivas correntes originárias: a percepção da importância de se observar e analisar os fatores extralinguísticos. Isso significa dizer que temos uma mudança não só em pontos específicos de dada corrente teórica, mas uma mudança na visão dos linguistas de uma geração inteira que, independente de seus posicionamentos teóricos, passam a perceber o quanto





se perdia nas pesquisas linguísticas como um todo ao se ignorar os fatores sociais. Outras correntes teóricas que também surgem mais ou menos na mesma época, como a sociolinguística e a pragmática, dentre outras, são mais uma prova de que esse movimento de percepção da importância de se considerar o uso ocorre, naquele momento, na Linguística como um todo e não apenas em uma corrente teórica específica.

A Linguística Centrada no Uso surge como exemplo máximo da aproximação entre essas duas teorias e afastamento delas em relação aos estruturalismo e gerativismo. O número cada vez maior de linguistas e estudiosos que vêm aderindo a essa teoria linguística é o maior indicativo da tendência atual de maior relevância de questões sociais, como uso e contexto de interação, como condições *sine-qua-non* para a linguagem.

THE SOCIAL FEATURE OF FUNCIONALISM AND COGNITIVISM

Abstract

Functionalism and Cognitive Linguistics are two functional basis theoretical schools dissident from two other theoretical schools that, although both formalist, are quite distinct: Structuralism and Generativism. Interestingly, what led both functionalists and cognitivists to detach from their original theoretical framework was the same critic: the non-relevance of social factors. Thus, functionalism and cognitive linguistics differ on several points. Yet, they get closer on considering of extreme importance the contribution of factors outside the linguistic system itself. It is analyzed, in the present paper, all four theories, in order to draw both distinctions between the previous schools and their dissent ones, and converging points among the lateres. Finally, it is presented a fifth theoretical school, the Usage-Based Linguistics, where ideas from functionalism and cognitive linguistics meet.

Keywords: Funcionalism; Cognitivism; Social; Usage-based linguistics.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARLOW, M. & KEMMER, S. (eds). **Usage based models of language**. Stanford/California: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Haia: Mouton, 1957.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, Dirk. Cognitive Linguistics. In: Verschueren, J. et al. (eds.). **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins, 1995, pp.111-116.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, A.E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. . A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, pp. 17-28.

KODA, K. (2004) **Insights into Second Language Reading**. Cambridge: Cambridge University Press.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**, v.1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEFFA, J. Vilson. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & ALONSO, Karen Sampaio. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson Rosa de. (org). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 87-106.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & PALOMANES, Roza. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.



ROSÁRIO, Ivo da Costa. Funcionalismo em linguística: raízes passadas e irradiações futuras. In: **Revista Eletrônica Via Litterae**, v. 2: 2010, pp. 01-16.

SALOMÃO, M.M.M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: **Veredas**, v.3, 1999, pp. 61-79.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SILVA, Augusto Soares da. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: Silva, Augusto Soares da; Torres, Amadeu & Gonçalves, Miguel (orgs.). **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva**. vol. I. Coimbra: Almedina, 2004, pp.1-18.

TOMASELLO, M. **Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E.C. & DASHER, R.B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

